

# Repensar o mistério da encarnação na contemporaneidade<sup>1</sup>

Diego Patricio Vera Vélez<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho oferece uma interpretação atual sobre o mistério da encarnação a partir da teologia de Karl Rahner. Nosso objetivo é descrever principalmente as implicações da encarnação do Filho Deus na contemporaneidade. O mistério da encarnação historicamente acontecido não constitui as premissas das que devemos tirar novas conclusões, mas das que somos chamados a compreender, ressignificar e atualizar com as nossas características e as da nossa história. Os seres humanos entendemos o que escutamos de maneira mais exata teoricamente e mais viva existencialmente, na medida em que o concebemos em relação com o conteúdo da nossa existência atual. As conclusões da nossa pesquisa visam os desafios de compreender o que significa dizer hoje que *o Verbo de Deus se fez carne*, que nossa história se tornou a história do Senhor, nosso tempo o tempo do Eterno, e a nossa morte a morte do Deus imortal.

**Palavras-chave:** Mistério. Encarnação. Carne. Logos.

## INTRODUÇÃO

O mistério da encarnação nos diz que *Cristo o Filho de Deus* tornou-se humano, assumindo a nossa natureza em tudo, exceto no pecado (Hb 4,15). No entanto, que significa *tornar-se* humano e que implicações tem na atualidade? De acordo com Rahner, o ser humano em sua essência e natureza é um *mistério*, não porque seja em si mesmo a plenitude infinita do mistério inesgotável de Deus, mas porque ele em sua essência e natureza é a referência mais próxima dessa plenitude. O *mistério da encarnação* constitui o caso singular e supremo da realização essencial da condição humana. Pela encarnação, Cristo tornou-se humano e assim inseriu eternamente a humanidade no mistério de Deus com a capacidade de perscrutar e ressignificar esse mistério em cada época.

Nesta perspectiva, nossa pesquisa busca descrever principalmente as implicações da encarnação de Cristo na contemporaneidade. Para isso, esboçaremos nosso trabalho sistematicamente em três partes. Na primeira, realizaremos uma breve reflexão sobre a teologia da encarnação. Na segunda, apresentaremos as discussões teológicas atuais sobre a encarnação. E na terceira, proporemos uma breve reflexão sobre o mistério da encarnação na teologia de Karl Rahner. As conclusões da nossa pesquisa visam os desafios de compreender o que

1 O presente artigo é resultado de pesquisa de Iniciação Científica feita em 2022 na FAJE, com bolsa de PIBIC da FAPEMIG, no quadro do Projeto de Pesquisa “As interfaces da antropologia na teologia contemporânea”, sob orientação do Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori.

2 Licenciado em Ciências da Educação e Filosofia da Universidade Politécnica Salesiana do Equador. Estudante de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Bolsista da FAPEMIG. diegocavanis2011@hotmail.com.

significa dizer hoje que o *Verbo de Deus se fez carne*, que nossa história se tornou a história do Senhor, nosso tempo o tempo do Eterno, e a nossa morte a morte do Deus imortal.

## 1 A TEOLOGIA DA ENCARNAÇÃO

O prólogo do evangelho de João diz que o *Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). Esta afirmação faz referência a dois enunciados fundamentais da teologia joanina: *Verbo e Filho*, enlaçados e esclarecidos pela palavra *carne*<sup>3</sup>. No Antigo Testamento, *carne* é utilizada principalmente para referir-se ao ser humano como indivíduo ou como comunidade na sua *totalidade, vitalidade e relação*. Esta palavra, em hebraico *bâsâr*, foi traduzida para o grego por *sarx* e em algumas ocorrências por *sôma* (corpo), apresentando assim uma nova diferenciação entre carne, corpo e espírito, não explícita na língua hebraica. No Novo Testamento, *carne* é um tema teológico presente principalmente na teologia paulina e nos evangelhos (MORGEN, 2004, p. 352).

Por outro lado, o enunciado sobre o *Verbo de Deus* na teologia joanina recebeu uma significação bastante ampla. Nas Sagradas Escrituras, *Verbo* refere-se à *Palavra profética* que marca as intervenções de Deus na história (Hb 1,1). Também, remete à *Sabedoria* que assiste a Deus na criação do mundo (Eclo 24; Br 3,37; Sb 7,17; 10). No livro da Sabedoria (9,1) *Palavra e Sabedoria* são associadas na mesma relação com Deus e com seu *mistério* oculto desde a eternidade. Já no Evangelho de João, essas acepções bíblicas sobre o *Verbo* são assumidas pela palavra grega *Logos* que significa *razão*. No entanto, entre o grego e o hebraico continua presente uma interrelação utilizada por João para referir-se ao *Filho de Deus* (SESBOÛÉ, 2004, p. 606).

De modo que, no prólogo do quarto Evangelho, João emprega uma paradoxal relação de diferença e identidade entre Deus e seu *Logos* num mesmo enunciado: “o Verbo *estava junto a Deus*” (diferença) e “o Verbo *era Deus*” (identidade) (Jo, 1,1). Esta relação de identidade e alteridade evidencia-se no versículo 14, quando João afirma que esse *Verbo de Deus se fez carne*. A palavra *carne* conota a situação de precariedade da humanidade sujeita à morte até o momento da encarnação. Na teologia joanina, a palavra *encarnação* vai além da união do *Verbo* com a natureza humana. O título cristológico de *Filho* refere-se a Cristo como o *unigênito do Pai* para diferenciá-lo dos outros *filhos gerados de Deus* (Jo 1,12). Cristo é o Filho único que está na glória de Deus e que o revela e dá a conhecer através da história humana (SESBOÛÉ, 2004, p. 607).

Na Patrística, os Padres da Igreja privilegiaram a doutrina da salvação pelo conhecimento. O *Verbo encarnado* revela a Deus porque Ele o tinha contemplado plenamente e porque Ele mesmo era Deus. Neste sentido, o Concílio de Calcedônia (451 d.C.) enfatiza que Cristo é um, consubstancial a Deus segundo a divindade e consubstancial ao ser humano segundo a sua humanidade. Conceber a perfeição e divindade da humanidade na unidade de

3 A palavra *carne* no Antigo Testamento tem aproximadamente 270 ocorrências, seja em hebraico *Basâr*, ou em grego *Sarx* (MORGEN, 2004, p. 352.)

Cristo possibilita a salvação do ser humano pelo conhecimento verdadeiro. O trabalho começado pelos Padres da Igreja permitiu à teologia posterior reelaborar e ressignificar categorias filosóficas (que representaram um bem conceitual comum para toda a teologia ocidental) tais como *substância, relação, essência, natureza, faculdade* (SESBOŮĚ, 2004, p. 607).

Na Escolástica, a *encarnação* é um conceito elaborado pela tradição e uma releitura dos textos conciliares. Neste período, o centro de atenção estava colocado no motivo da encarnação. De fato, primava a preocupação que se não existisse nenhum pecado a resgatar, a encarnação seria necessária? Por trás dessa interrogação desenvolveram-se duas teologias. Por um lado, a teologia tomista, centrada no tema da *criação*, para a qual a encarnação não era necessária para revelar o ser mesmo de Deus, mas testemunha da sua eterna misericórdia. Por outro lado, a teologia de Boaventura, centrada na história da salvação e na Trindade, que concebia a encarnação como o momento central da manifestação de Deus no Verbo Encarnado (SESBOŮĚ, 2004, p. 608).

## 2 POSTERIORES DISCUSSÕES TEOLÓGICAS SOBRE A ENCARNAÇÃO

A partir do século XX, os tratados de cristologia centraram sua reflexão no mistério do Verbo encarnado a partir de alguns deslocamentos. De acordo com Pannenberg, a *encarnação* e os fatos anteriores à Páscoa deviam ser relidos e interpretados à luz do reconhecimento pascal da divindade de Jesus. Para Moltmann, a teologia sobre a cruz absorve e reduz tudo para o tema da ressurreição, alheia à reflexão *não histórica* sobre a encarnação. Schillebeeckx utiliza o método exegético e crítico para interpretar a vida de Jesus desde sua encarnação até a sua morte e compreender assim o sentido da ressurreição e a salvação definitiva. Por outro lado, Bruno Forte na sua obra *Jesus de Nazaré*, buscou conciliar os acontecimentos anteriores e posteriores da Páscoa do Senhor através de uma hermenêutica estranha à do Prólogo de São João (SESBOŮĚ, 2004, p. 608).

Do mesmo modo, Moingt na sua obra *O homem que vinha de Deus*, afirma que desde o momento que Jesus começa sua existência assume a humanidade por toda a eternidade. Deus forma no seio de Maria a pessoa de Jesus, colocando Nele sua própria identidade e comunicando-lhe seu Espírito. Cristo começou sua existência no tempo e na história como filho de Maria com a mesma existência eterna do Pai na qualidade de Filho de Deus. Para Moingt, a encarnação não deslegitima a eternidade do Deus Trinitário porque a origem eterna de Cristo e seu começo temporal se compreende como a vinda do Pai à historicidade do seu Filho guiada constantemente pela ação do Espírito. De modo que, a preexistência de Cristo não busca simplesmente prescrutar sua divindade entendida como eternidade, mas compreender a verdade do Pai que se revela no Filho por amor aos seres humanos. O Verbo Encarnado é o projeto de Deus de doar-se ao mundo dando-se para si mesmo um mundo comum a toda a humanidade (MOINGT, 2008, p. 568).

Todas essas perspectivas sobre a *encarnação* apontam para uma cristologia integral que durante muito tempo esteve parasitada pela oposição entre cristologias ascendentes e

descendentes que provocaram mais escuridão que luzes sobre o mistério da encarnação. As pesquisas atuais sobre o *mistério do Verbo encarnado* apresentam a cristologia ascendente e descendente em um diálogo recíproco, contrária a toda pretensão unidimensional. O objeto das pesquisas contemporâneas é o *Evento Cristo* através da interpretação dos rastros escritos desse acontecimento. Nesta perspectiva, o Prólogo de João ajuda a organizar a rica teologia sobre a encarnação (SESBOÛÉ, 2004, p. 610).

No entanto, neste percurso também apareceram algumas críticas ao mistério da encarnação, como a realizada por John Hick e por diversos autores anglo-saxões, que afirmavam que a encarnação não era a melhor teoria para explicar a divindade de Cristo e que o cristianismo devia repensar a divindade prescindindo dessa metáfora. De acordo com Hick, o Jesus histórico não reivindicou para si o atributo da divindade, Ele não se compreendeu como *Filho do Deus Eterno* nem teve a pretensão de ser o *Deus Encarnado*. De fato, é extremamente improvável que Jesus se tivesse concebido de maneira semelhante. Ele provavelmente teria rejeitado a ideia como blasfema tal como aparece em Mc 10,18 quando afirma: “por que me chamas bom? ninguém é bom senão um só, que é Deus”. Para Hick, esta reivindicação foi assumida pelo pensamento cristão posterior e é bastante questionável porque se atribui o conhecimento de algo de tamanha importância que o próprio Jesus desconhecia (HICK, 2000, p. 43).

### 3 O MISTÉRIO DA ENCARNÇÃO NA TEOLOGIA DE KARL RAHNER

A encarnação na teologia de Karl Rahner não é unicamente um acontecimento histórico, mas uma realidade escatológica. Através da encarnação o *Filho de Deus* tornou-se *Filho de Adão* pela carne e pela fé de Maria. A maternidade de Maria não é simplesmente uma realidade biológica, mas o ato supremo da sua fé e a razão da sua bem-aventurança (Lc 1,42; 11,27). A Virgem Maria introduz o Cristo na história e por ela foi dada ao mundo a salvação, mas ela não poderia fazer isso se o próprio Cristo não a enchesse com sua graça. Ele a torna agraciada de tal modo que nela começa definitivamente a salvação. Por esta razão, Maria não é *corredentora* junto com Cristo (como se ambos tivessem redimido o mundo), mas *cooperadora* na redenção porque realiza em si o que todo ser humano ajudado pela graça deve fazer: *aceitá-la* (RAHNER, 1963, p. 241).

De acordo com Rahner, a encarnação manifesta que Cristo não simplesmente se serviu do seio da sua mãe, mas que nela e por ela foi dada ao mundo a salvação. Pelo seu sim, a Virgem Maria concebeu a Cristo da forma corpórea mais perfeita. Por esta razão, a Igreja acredita que no seio de Maria se realizou a redenção da maneira mais pura e radical. Portanto, quando professamos que Maria foi preservada do *pecado original* e que permaneceu sem pecado, não significa que ela não perdeu como todos os seres humanos a graça do *estado primitivo* de Adão, mas que nela a graça única de Cristo superou totalmente o pecado da humanidade (RAHNER, 1963, p. 242).

O mistério da encarnação é compreendido sob a luz do mistério Pascal de Cristo e aponta para o mistério do Deus Trinitário. Estes mistérios abarcam a totalidade da fé da Igreja, que, por sua vez, é a prolongação do mistério do Senhor. De acordo com Rahner, mistério é aquilo que não pode ser penetrado. Não é uma segunda realidade nem algo provisório, mas a peculiaridade que caracteriza a Deus e ao ser humano a partir dEle. Portanto, o mistério não é algo alheio à condição humana, mas a experiência radical que atinge cada ser humano na sua condição de possibilidade. No mistério do *Verbo Encarnado* se esclarece plenamente o mistério do ser humano (GS 22). De modo que, não há possibilidade de aproximar-nos do mistério do ser humano sem remeter-nos ao *Protomistério de Deus*<sup>4</sup> (VORGRIMLER, 2006, p. 233).

A humanidade de Cristo não é uma mera aparência de Deus sem nenhum valor próprio e independente. Ao contrário, pelo fato de Deus existir na carne, sua existência finita adquiriu seu próprio valor, vigor e identidade da maneira mais radical, inclusive distinguindo-se do próprio Deus em sua majestade e esplendor. O que celebramos no mistério da encarnação, é que o *Verbo se fez carne*, nossa história se tornou sua própria história, nosso tempo o tempo do Eterno e a nossa morte a morte do Deus imortal. O recurso aos predicados aparentemente contraditórios que parecem não pertencer a Deus apresentam duas realidades: a *condição divina* e a *natureza humana*, como realidades ontológicas de Cristo (RAHNER, 1964, p. 149).

No *Curso fundamental da fé*, Rahner afirma que quando o *Logos de Deus se fez carne*, sua humanidade não era algo que preexistia, mas algo que surgiu na sua essência e existência. A humanidade de Cristo tornou-se a maior *autoexpressão* de Deus porque nela se manifestou o mistério eterno de Deus. Pela encarnação, o finito já não constitui nenhuma contradição para com o infinito, mas algo que Ele mesmo assumiu em liberdade e amor. O *Verbo Eterno de Deus Pai se fez carne na carne virginal de Maria*, e nessa carne, Deus aceitou a humanidade inteira. A solidariedade de Cristo ao assumir uma *carne semelhante à do pecado* e consagrada à morte (Rm 8,3) conduziu-o a expiar a culpa do mundo e vencê-la (RAHNER, 289, p. 270).

Ao assumir a natureza humana, Cristo assumiu a consumação desta natureza pela morte. E embora fosse o *Verbo de Deus Encarnado* não deixou de experimentar em si mesmo a escuridão da morte humana e a impotência pessoal no vazio frente ao fim. A morte, que na sua ordem concreta, era expressão e manifestação do pecado no mundo, pela morte de Cristo transformou-se em expressão de obediência e amor a Deus Pai. Assim, o que era o fim pelo pecado, tornou-se em princípio pela morte redentora do Senhor (RAHNER, 1965, p. 69).

## CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho percebemos como o pensamento de Karl Rahner, apesar da sua complexidade, é apropriado para repensar o mistério da encarnação na

4 O prefixo “proto” designa início, origem, primórdio, grau elevado, genuinidade. *Protomistério* significa o Mistério que é a origem de todos os outros mistérios e por isso mesmo, o Mistério por excelência que é o mais genuíno (FERREIRA; TABORDA, 2005, p.65).

contemporaneidade. Na primeira parte do nosso trabalho percorremos a evolução histórica e sistemática da encarnação desde os Evangelhos até a época escolástica. Na segunda parte, analisamos as discussões teológicas e as críticas atuais sobre o mistério da encarnação. Percebemos como as perspectivas sobre a teologia da *encarnação* apontam para uma cristologia integral que entende a *encarnação de Deus* como um acontecimento irrepitível da realização essencial da condição humana.

Na terceira parte do nosso trabalho, vimos como a *encarnação* na teologia de Karl Rahner não é unicamente um acontecimento histórico, mas uma realidade escatológica. Para Rahner, o mistério da encarnação acontecido na história não constitui as premissas das que devemos tirar novas conclusões, mas das que somos chamados a compreender, resignificar e atualizar com as nossas características e as da nossa história. Por último, é importante considerar que para o Concílio Vaticano II, o mistério do ser humano unicamente pode ser esclarecido no mistério do *Verbo encarnado*, porque é na pessoa de Cristo, *o homem novo*, que o ser humano encontra sua verdade mais profunda, sua identidade, vocação e missão neste mundo (GS 22).

## REFERÊNCIAS

- CONCÍLIO VATICANO II. Constitución Pastoral Gaudium et Spes. In: *Concílio Vaticano II. Constituciones, decretos, declaraciones, documentos pontificios complementados*. Madrid: Editorial Católica, 1965. p. 209-356.
- FERREIRA, Pedro Rubens; TABORDA, Francisco. *Karl Rahner 100 anos: Teologia, filosofia e experiência espiritual*. São Paulo: Loyola, 2005.
- HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008.
- MORGEN, Michèle *et al.* *Carne*. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 352-353.
- RAHNER, Karl. Sobre el sentido del dogma de la Asunción. In: RAHNER, Karl, *Escritos de Teología*. Tomo I. Madrid: Taurus, 1963. p. 239-252.
- RAHNER, Karl. Para la Teología de la Encarnación. In: RAHNER, Karl, *Escritos de Teología*. Tomo IV. Madrid: Taurus, 1964. p. 139-158.
- RAHNER, Karl. *Sentido teológico de la muerte*. Barcelona: Herder, 1965.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SESBOÛÉ, Bernard *et al.* *Encarnação*. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 606-610.
- VORGRIMLER, Herbert. *Karl Rahner: experiência de Deus em sua vida e em seu pensamento*. São Paulo: Paulinas, 2006.